

Quatro da tarde, na Padre Eutíquio. Uma fila dupla em pisca alerta na porta da Caixa Econômica. A pista reduzida para dois veículos. Simultaneamente um carro sai de um estacionamento e outro manobra para estacionar bem em frente. Os dois carros fecham inteiramente a rua. Um concerto de buzinas e xingamentos até o final das manobras. E os carros em fila dupla, piscando, piscando... E, no entanto, eu amo esta cidade.

Cinco da tarde, na Serzedelo. Um pequeno caminhão estaciona na porta dos fundos do supermercado Líder. Certo. Um caminhão bastante maior para bruscamente do outro lado da rua, em paralelo ao pequeno. E outro caminhão larga uma caçamba de ferro para entulho no meio da rua, frente a um canteiro de obras. Passagem para um só veículo. Novo concerto de buzinas. Os motoristas dois caminhões olham do alto, indiferentes... E, no entanto, eu amo esta cidade.

Governador José Malcher ou São Jerônimo, Padre Eutíquio ou rua dos Cabanos, Magalhães Barata ou Independência, Júlio César ou Estrada do Aeroporto, Estrada Nova ou Bernardo Sayão, Mariz e Barros ou Estrela, Conceição ou Fernando Guilhon – eu não sei se existe outra cidade com tantos nomes duplos para logradouros públicos. Um no mapa e outro na boca. E, no entanto, eu amo esta cidade.

Tempo de chuva, tempo de cheia. Tento sair, a rua é um rio marolado pelos carros. Na esquina, uns sujeitos sem camisa nem se importam com o temporal. Tipos suspeitos, claro está que esperam gente boba que nem eu. Volto, desisto do pão. O telefone emudece a intervalos há dias. Reflito que a Oi deve ter sido programada para trabalhar no Saara, porque não suporta chuva. Deixo as lanternas à mão, porque a possibilidade de faltar energia é alta. Mas, no entanto, eu amo esta cidade.

Há dois domingos falta água sem aviso prévio. Quer dizer, dois domingos e parte dos dias de carnaval. Nada demais: o fornecimento de água vem sendo interrompido com mais frequência do que se desejaria. Cai água do céu em toneladas, mas a da torneira some – é um paradoxo, por certo, e, por isso, não consigo entender. No entanto, eu amo esta cidade.

À noite, tranco a casa, por medo de ratos. Eles já me destruíram um fogão, quando as janelas ficavam abertas. É verdade que com a chuarada eles diminuíram um pouco, mas só um pouco. Eu gostaria de ter uma coruja ou uma jibóia no quintal, mas o Ibama não vai deixar.

Mas, mesmo com a casa trancada, os carapanãs não dão sossego. Mando dedetizar a casa (não há mais DDT, mas “desinsetizar” é uma palavra horrível) e o alívio é só de uma semana. Uso inseticidas e repelente e aquela raquete terapêutica que permite matar carapanãs com um toque infantil. Não há mês que melhore, porque os canais abertos não vão permitir. Mas eu amo esta cidade!

Ah, insensato coração...

**Ana Monteiro Diniz (<http://amdiniz.blogspot.com.br>), segunda-feira, 10 de março de 2014.
Escritora e jornalista, nasceu em Oriximiná.**